

## LAURINDO, VASSOURA E RAÇÃO – MEMÓRIA DOS PERSONAGENS CÔMICOS DO FANDANGO CEARENSE

### **Circe Macena de Souza**

Graduanda em Licenciatura em Teatro – IFCE  
Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica.  
Rua Ernesto Pedro dos Santos, 398 Jóquei Clube – Fortaleza/CE  
(85)3290.2673 / (85)8687.2973  
E-mail: [circe.mira@gmail.com](mailto:circe.mira@gmail.com)  
Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica.

### **Lourdes Macena (Orientadora)**

Professora Doutoranda em Artes – UFMG/IFCE  
Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica.  
Rua Ernesto Pedro dos Santos, 398 Joquei Clube – Fortaleza/CE  
(85)3290.2673 / (85)8508.9660  
E-mail: [lourdesmacenacnf@gmail.com](mailto:lourdesmacenacnf@gmail.com)

**Resumo:** Esta comunicação visa compartilhar estudos sobre três personagens tradicionais do Fandango Cearense. Este folguedo se encontra desativado no estado, tendo sido visto a última vez em apresentação, em 1997. Poucos foram os estudos realizados no estado sobre este. Encontramos registros sobre o assunto em algumas obras escritas. O maior acervo do bailado está na memória de alguns mestres que vivenciaram ou observaram esta tradição. Em nossos estudos conversamos com a Mestra Dona Gerta e Dona Mariinha da Ló, que lembram da vivência dos avós, pais e irmãos no folguedo no Mucuripe e em Paracuru, respectivamente, visto que é uma tradição vivida somente por homens. A partir desses estudos sobre o Fandango, buscamos como objeto os três personagens cômicos, Laurindo, Vassoura e Ração, que se inserem no folguedo como contraponto à carga dramática, através da comicidade, provocando o riso. No percurso metodológico utilizamos estudos bibliográficos em autores como Gustavo Barroso, Maria de Lourdes Rabetti, Lourdes Macena, entre outros, buscando referências para o folguedo e a própria comicidade se utilizando inclusive de registros destes personagens em representações da Nau Catarineta pelo Nordeste. Utilizamos também consulta de periódicos e artigos científicos da internet, pesquisa de campo com entrevistas semi estruturada e análise por meio de método histórico comparativo.

**Palavras-chave:** comicidade, fandango, teatro popular.

GT10 – Teatro popular, Danças Dramáticas e Etnocologia

### **Introdução**

Nau Catarineta, Fandango, Marujada, assim são os diversos nomes da dança dramática cuja representação se faz em volta de uma embarcação que *naufragou* no Ceará e que está *à deriva* na Paraíba.

Não se sabe ao certo sua origem, alguns teóricos afirmam ser de origem espanhola, outros, de origem portuguesa, inicialmente no formato de dança de pares e só depois introduzida à dança dramática, com seu teatro específico.

O Fandango é um folguedo popular de muitos anos já existente. Feito somente pelos mais velhos, a manifestação foi aos poucos se perdendo no Ceará. E tende a perder-se também em Cabedelo na Paraíba, apesar de ser uma manifestação que se encontra bem mais forte nessa região.

Não se sabe ao certo sua origem, alguns teórico<sup>1</sup> afirmam ser de origem espanhola, outros, de origem portuguesa, inicialmente no formato de dança de pares e só depois introduzida à dança dramática, com seu teatro específico.

O Fandango do qual falamos é o da praia do Mucuripe, no Ceará, já que o termo *Fandango* incide em vários significados na diversidade cultural brasileira. O Fandango, objeto deste trabalho, é um folguedo de muitos anos já existente. Feito somente pelos mais velhos, a manifestação foi aos poucos se perdendo no Ceará.

É um auto sobre as grandes embarcações vindas para o Brasil. Representa, entre outras coisas, o duelo entre cristãos e mouros, as dificuldades de se viver no mar, a vida dos marinheiros. É um folguedo bem extenso, visto que nos estudos feitos no Grupo MiraIra<sup>1</sup> do IFCE<sup>21</sup> onde ocorreu meu primeiro contato com o auto, estudamos somente uma parte, que aborda o confronto entre as religiões, faltando ainda muito o que se aprender e conhecer, visto que este projeto ainda se encontra em desenvolvimento no grupo mencionado.

Numa abordagem sobre esta expressão, Manuel Diégues Junior diz que

Os Fandangos, ou Nau Catarineta, celebram, como as Cheganças; aventuras marítimas das antigas e tradicionais navegações portuguesas. São assuntos comuns a ambas as diversões, os temporais e borrascas apanhadas nas viagens e os combates contra os mouros conquistando-os ao cristianismo. Refletem estes assuntos o caráter típico do povo português na grande era das navegações. (DIÉGUES JUNIOR. 1950, s/p)

Tivemos o contato com o Fandango em 1999, aproximadamente. Na época, fizemos estudos e uma experiência, que resultou de início em uma montagem performática artística de 20 minutos do auto. Estudos esses graças à pesquisa da professora Lourdes Macena que teve a oportunidade de ver o Fandango do Mucuripe em 1997, tendo sido documentada esta, como última apresentação deste folguedo no Ceará. De início, o grupo utilizou de estudos da professora, além dos registros, de gravações da dramaturgia e de relatos de Gustavo Barroso e acervos do Museu da Imagem do Som. Posteriormente, ela adaptou uma parte do auto e passou ao grupo, ainda com pouco texto, indo de forma coletiva recriando as partes dançadas, baseados na vivência dela com eles, compondo um esquete de 10 minutos, aproximadamente.

Depois de alguns anos, o mesmo estudo foi refeito, dessa vez com mais diálogos, já que na época do primeiro contato tínhamos poucos atores no grupo, o que mudou com o início do curso de Artes Cênicas no IFCE, quando muitos atores passaram a participar do MiraIra (MACENA FILHA, 2008), o que facilitou os estudos quanto à encenação. E assim com partes de dança, música e teatro acrescentadas, ainda representávamos este mesmo ato (partes principais que se divide uma peça de teatro) ou partes (como dizem os mestres da tradição). Podemos assim dizer, que até agora nos detivemos no conflito entre as embarcações inimigas, de forma mais ampliada e forte.

Ainda assim falta-se muito para conhecer Marujada ou Fandango, como chamamos a Nau Catarineta no Ceará. Observamos, que mesmo que a comicidade seja algo muito forte na tradição cearense, quem documentou o Fandango até então, deixou de descrever suas peças. Desconhecemos os personagens cômicos que permeavam esse Folguedo Dramático (dramático não no sentido de representação, mas no sentido de drama, conflito), onde há uma guerra entre cristãos e mouros, o príncipe mouro entra na embarcação e é obrigado a se converter, logo após seu pai, o Rei Mouro, chega e ao deparar-se com o filho cristão, mata-se no navio inimigo e tem o corpo jogado no mar. Os personagens cômicos são marinheiros, que com suas atrapalhadas tiram o riso do público, e assim aliviam a densidade deste drama. Sabemos que toda a sua ação vem do improviso com temas acertados, motivados pelo General da embarcação ou outros personagens e a partir desses elementos procuramos criar suas partes.

### **1 – Laurindo, Vassoura e ração: o riso da embarcação**

O Fandango é uma dança dramática que fala da vida dos marinheiros, como eles viviam em alto mar, suas dificuldades e suas alegrias. Felicidade esta proveniente de algumas atrapalhadas e confusões de alguns personagens: Laurindo, Vassoura e Ração, ao dispor do riso e da felicidade.

D. Maririnha da Ló<sup>3</sup> nos diz que Laurindo era o mensageiro do navio, ele que ia entregar as mensagens na cidade quando o navio aportava. Vassoura era responsável pela limpeza e Ração pela comida da embarcação.

Nem todos os Fandangos, sendo de Cabedelo-PB, do Mucuripe-CE ou Paracuru-CE, entre outros, possuíam todos os três personagens, muitos tinham somente Vassoura e Ração, outros só Laurindo. Então é difícil encontra-los nos poucos estudos existentes sobre os três personagens. Principalmente Laurindo, ele é o mais complicado de ter contato, quanto à conhecimento teórico. A dupla Vassoura e Ração já são mais estudadas e conhecidas na memória de quem ainda recorda-se da nau. Câmara Cascudo fala um pouco dessa dupla:

Ração e Vassoura, como Birico e Mateus do Boi 'Kalemba', são os elementos humorísticos, encarregados de distrair o auditório com constantes discussões e brigas espalhafatosas, permutando injúrias, declamando versos, escorregando, caindo. Constituem uma dupla da inteligência, da improvisação chistosa, desembaraçada e com prontidão verbal. A décima 'jornada', uma das mais sugestivas, pertence exclusivamente ao Ração, que canta 'Triste vida de Marujo', recitando depois, infalivelmente, uma poesia fora do assunto, mas do agrado local. A memória popular guarda a lembrança das pessoas que encarnaram, com verve e naturalidade, o papel de Ração ou de Vassoura. (CASCUDO, 1984, p.: 380.)

Agora vejamos o que PIMENTEL (2004), fala sobre Ração e Vassoura:

Estes dois últimos personagens são responsáveis pela comicidade do auto e preenchem função de grande importância na representação, apesar de não lhes ser reservado texto além de suas loas (recitativos sobre si mesmo). Corre por sua conta a parte improvisada, em prosa, versos, cantos (parodias). Quebram a monotonia dos cantos e realizam espetáculo à parte. Parodiam os cantos e ridicularizam os oficiais – notadamente o Capitão e o Mestre – improvisando cenas que terminam sempre em pancadaria promovida pelas vítimas dos dois personagens. (PIMENTEL, 2004, p. 71)

O Fandango geralmente é composto por Mestre, Contramestre, Capitão, 1º e 2º Tenentes, Alferes, Almirante, Piloto, Doutor, Capelão, Guarda-marinha, Dom João IV, Sargento de Mar-e-Guerra, Saloia, 1º e 2º Guia, 1º e 2º Cabo Artilheiro, Calafate, Calafatinho, 1º e 2º Gajeiros, Marinheiros, Laurindo, Ração e Vassoura. Em Cabedelo-PB, não encontramos a figura de Laurindo; em outros Fandangos não encontramos a figura de Dom João IV. Estes diversos personagens são dispostos em filas exceto os personagens cômicos, que ficam sempre espalhados na embarcação, atrapalhando e divertindo o público.

*Ração e Vassoura* vestem-se de branco não são marinheiros, é como se representassem gente do povo, e carregam em si seus objetos de acordo com o trabalho, como *Ração* é responsável pelos mantimentos, sendo cozinheiro, ele carrega consigo uma colher de pau, já *Vassoura* carrega uma, pois deve zelar pela limpeza do navio.

Não acompanham as coreografias, são desastrados, estão livres para fazer piruetas e malabarismos, não tem nenhuma marcação cênica. Às vezes Vassoura finge limpar o navio e Ração sempre brinca com sua enorme colher de pau. Os dois são como uma dupla inseparável, o que um faz o outro repete, o que um faz, põe a culpa no outro, são amigos e rivais, são como Mateus e Catirina no Boi, como o Gordo e o Magro no cinema, ou como Arlequim e Briguella na *Commedia dell'Arte*:

É a partir desse comportamento, de quem vive constantemente entre o gume e a corte, pronto a explodir a qualquer momento, que Garcia vai tirar proveito e exercitar sua esperteza, como o faziam seus ascendentes mais distantes Briguella e Arlequim. Esse tipo de atitude dotado por Garcia, de transferir suas culpas para o outro deixando-o à mercê da própria sorte, não é apenas a reprodução do modelo da *Commedia Dell'Arte*, onde Arlequim cumpria a função de sofrer as consequências dos quiproquós armados por Briguella. (CABRAL, 2007, p. 78-79).

Cabral faz referência à relação dos personagens da *Commedia Dell'Arte* a partir de uma análise do personagem Garcia, o Amarelinho, da 'História de Amarelinho e o Valente Secundino' de Wolney Leite e Gercino Souza. Personagem esse que sempre passa maus bocados com seus padrões, assim como nossos atrapalhados Vassoura e Ração.

Laurindo é um personagem mais presente no Ceará, não encontramos outros estudos sobre ele, a não ser, como já dissemos, uma lembrança da mestra Mariinha da Ló de Paracuru-CE, que recordando das loucuras dele, nos disse que era muito engraçado, e que vivia trocando as encomendas do capitão. Nesse caso, ela já não lembrava de Vassoura e Ração.

A partir das pesquisas sobre Laurindo, Vassoura e Ração, sentimos a necessidade de conhecê-los a partir do estudo de cena e composição dos personagens. Como nos ensina Rabetti (2000):

[...] talvez se possa ter em conta, como guia, ao menos, a consideração da memória como ‘região’ privilegiada,[...] de sólidas fontes revitalizantes para o delicado exercício, de reflexão ou de prática artística [...] a memória pode configurar-se como acervo não só informativo, mas também indutor propício [...] e propulsor da criação em arte. Sim porque é sob o crivo da *criação artística teatral* que, entendo, deve ser enfrentado um teatro popular, que nos dias de hoje volte-se as tradições; e não sob a perspectiva de mecânica transposição cênica [...] o espaço das lembranças é um dos mais fecundos para fazer fluir, através do entrecruzamento de sucessivas camadas de interpretação, *recantos de memória cultural* para neles encontrar valores e expressões que se tornem fontes com as quais dialogar como manifestações contemporâneas de arte. (RABETTI, 2000, p. 4-5).

Ante o exposto, apoiados no discurso de Rabetti, passamos a aproveitar todo o estudo para revisitação dos personagens em diálogo por meio de recriação artística coletiva buscando sempre aprender sobre eles, com o que é lembrado deles, buscando o universo de sua comicidade e improviso.

## 2 – O Teatro Popular e a comicidade na Nau Catarineta

Para compreendermos sobre a cena dos personagens cômicos do Fandango, é imprescindível o estudo sobre o riso, mecanismo de cena principal e mais característico desse núcleo de personagens.

Nos estudos dos diálogos do Fandango percebemos que a maioria destes é feito em versos. Eles são fortes, alguns são ordens, outros são falas sobre a vida do mar, entre muitos outros diálogos.

Nos textos recolhidos, os três personagens possuem diálogos também em versos, são engraçados ou falam de situações engraçadas. Como exemplo desse caso, trazemos o texto da Barca de Cabedelo - PB onde as loas falam sobre cada personagem, como a loa do Sargento Mar e Guerra:

Sou Sargento Mar e Guerra / Meu dever cumpro fiel. / Toda maruja tem fé / Quando me vê manobrar, / Pois na manobra estou feito. / Meu capitão satisfeito, / Quando me vê lá na proa, / Sabe que nada está à toa / Nesta Nau Catarineta. / Quando eu chegar em Lisboa / Passarei a oficial, / Botarei os meu galões, / Tirarei esta jaqueta. (PIMENTEL. 2004, p. 137)

Ração e Vassoura também fazem sua loa imitando os seus chefes e tripulantes da embarcação. Primeiro Ração fala de si:

Quando de Malta parti / Com este navio a espia / Não me lembro que um só dia / Tivesse a barriga farta. / Quando recebo uma carta / Que minha avó era morta / O dote que me deixou / Foi no bolso do capote / Esta formosa bolacha. / Aí chegaram os fariseus / Puseram rudo na sola. / E eu fiquei nas mãos de Deus / Como um pobre mariola. (PIMENTEL. 2004, p.137)

Logo depois vem a loa de Vassoura, curto e grosso: De cabra, cabrito e bode / Sei fazer um bom torrado. / O mesmo torrado é feito / Do toucinho de caipora. / Quem gostou, gostou / Quem não gostou, vá embora! (PIMENTEL. 2004, p.137).

Como são personagens livres, a maioria de suas falas são improvisos para com o público. Brincam, riem de si, um do outro, e principalmente riem dos outros.

Assim os personagens vão despertando o riso. Elemento forte do teatro popular, muito estudado por diversos pensadores, desde Aristóteles, a Hegel, até os pesquisadores e teóricos contemporâneos. O riso é uma resposta rápida e imediata a um provocador. Movimentos, gestos, falas, palavras, repetições, trocadilhos, são grandes causadores do riso. Henri Bergson em seu livro “O riso: ensaio sobre a comicidade” reflete entre outras coisas sobre o efeito do risível e a partir de que mecanismos é fabricado. Dentre suas concepções de comicidade Bergson formulou a teoria do mecânico sobreposto ao vivo, que vamos utilizar em nossa pesquisa. Pedro Murad em seu estudo do riso, fala sobre a teoria:

Toda vez que o corpo, as palavras, os caracteres ou as ações denotam certa rigidez teimosa, tem-se aí o risível. Uma mecânica sem qualquer funcionalidade, viciada, descontextualizada, onde os atos são como que movimentos de uma marionete sem vontade própria. E justamente nisto consiste o valor de toda e qualquer arte cômica: revelar essa duplicidade entre pessoa e mecanismo. (MURAD, 2007, p. 118)

Assim temos as atitudes de Vassoura, Laurindo e Ração. Em algumas vezes um manipula o outro, usam de trocadilhos e respondem de forma alta e prolongada o capitão, são tipos engraçados, possuem uma partitura corporal típica, que a juntamente com o corpo, ganham ainda um objeto grande que o representa, como a colher de pau de Ração. Dessa forma eles utilizam de muitos elementos para tornar a cena risível.

É importante lembrar que esses mecanismos são estudados por grandes teóricos a fim de compreender e de gerar facilidade para quem quer os utilizar. Não quer dizer, de nenhuma forma, que os brincantes que compõem esses personagens saibam sobre isso, e utilizam esses mecanismos. Eles utilizam de forma inconsciente, é perceptível que ele dá certo e que gera o riso. Assim, fica mais fácil para os atores que vão estudar a cena e esses personagens, de pegar o ponto do improvisado e da comicidade necessária, para que possa ter bons resultados de cena.

### **3 – Estudos e composição de cena: ressignificar para não perder**

Visto que reunimos um bom acervo da cena dos personagens Laurindo, Vassoura e Ração e sob os argumentos de Rabetti, citados, propomos como experimento e possível

conclusão deste estudo, fazer uma adaptação e composição de cenas com esses personagens e seus elementos, para incluir e contribuir com o trabalho de pesquisa do grupo Miralra. Para isto convidei três atores do IFCE, dançarinos e brincantes do grupo mencionado: Álvaro Renê, Herbeson Munhóz e Jotacílio Martins.

Antes perguntei o que eles conheciam do Fandango, já que são recentes integrantes do grupo, e não participaram da montagem no auto e também se conheciam algo sobre os personagens cômicos desse Folgado.

Um dos atores Álvaro Renê em sua entrevista abordou sobre o que conhecia do auto, disse que era uma dança dramática, um espetáculo que envolve dança, teatro, romance. Tratou ainda no sentido de festa dos marinheiros. Ao falar dos personagens disse que cada um tem uma função determinada de extrema importância para toda a embarcação. Renê não conhecia os personagens cômicos, mas ao pedir que imaginasse como seria, se referiu logo a palhaços e em suas palavras ele diz: “em relação aos palhaços acredito que eles carregam a essência da brincadeira, o mexer com o povo, a alma do riso mesmo”.

Após um estudo sobre a comicidade e o teatro popular, assunto do capítulo anterior, unimos nosso conhecimento em teatro, e juntos trabalhamos na composição de algumas cenas.

Durante o processo decidimos utilizar o livro “Jogos para Cenas Cômicas” do professor Fernando Lira juntamente com seu grupo de estudo em comicidade e riso CRISE, todos do IFCE. Partindo dos exercícios propostos nos concentramos no primeiro capítulo do livro, que fala sobre os personagens, sobre a criação dos personagens. Com isso, começamos a estudar sobre como seriam esses corpos, e trabalhamos com jogos e improviso.

Ainda sobre os personagens, inicialmente fizemos o jogo dos corpos engraçados, descobrimos desde uma caricatura do próprio corpo, até deformidades físicas estranhas que nos causam o riso. Exageramos muito no início, para poder descobrir um corpo no final que representasse bem as figuras.

Para parecer cômico, é preciso que o exagero nos tipos não pareça ser o objetivo, mas um simples meio de que se vale o cômico para tornar perceptível aos nossos olhos características risíveis que estão escondidas no meio do comportamento de todo ser humano. (XIMENES, 2013, p.26).

Depois do exagero dos corpos, também partimos para o exercício que XIMENES (2013) nomeia de Profissão Mecanizada. Esse exercício é muito interessante dentro do contexto do Fandango, pois estamos tratando de personagens que possuem uma função. Ração responsável pela alimentação, cozinheiro, que ações ele faz? Assim também agimos com os outros e a partir desses gestos, primeiramente normais e rotineiros do trabalho, os destacamos e transformamos em signos de dança em alguns momentos, como se quando a marinha tiver dançando, eles estarem brincando com essas movimentações de trabalho, a dança a partir do gesto cômico.

A pesquisa e o estudo das cenas ainda estão em andamento. Ao construir a partitura corporal dos personagens trabalhamos a voz, e brincamos com estes em determinadas

situações. Primeiramente nos preocupamos com o improviso e a partir daí fomos construindo cumplicidade entre os personagens, e jogos de cenas.

Só depois de finalizado esse processo, partiremos para composição de cena.

### Considerações finais

Os estudos dos personagens cômicos do Fandango nos ensinam paralelamente não só sobre quem são essas figuras e o que fazem, mas nos fazem perceber a importância de continuar estudando e aprendendo sobre esse folguedo. Em meu estado, Ceará, ele está desaparecendo, e é cada vez mais difícil ter contato com ele. Por isso a importância de conhecê-lo e reestruturá-lo, a partir de nossa leitura, e transformar a memória em objeto artístico de novo, para fazer com que os próprios cearenses conheçam, e se identifiquem com parte da nossa história.

O teatro popular presente nessas representações espetaculares, abre minha mente para as outras formas de fazer teatral. Compreender a tradição é primeiro compreender sobre mim, sobre o que sou e o que acredito.

Atualmente venho estudando sobre tradição e contemporaneidade dentro do teatro e através de estudos e experimentos, venho descobrindo a cada dia sobre a via de mão dupla que caminha conjuntamente entre esses dois pontos.

Esse processo ainda está sendo concluído, mas pelo que estamos caminhando vimos como práticas de teatro contribuem para o entendimento dessa teatralidade simples e espetacular, o *fazer fazendo*, o *fazer di mermo*. Em nosso estudo os jogos teatrais foram de extrema importância para compor a cena a partir da relação estudada entre esses personagens.

A união entre o tradicional e o contemporâneo favorece o estudo e o desenvolvimento dos processos de criação artística, possibilitando a nós estudantes de teatro, dança e das artes como um todo conhecimento amplo, principalmente para nossa ação profissional no ensino em arte.

### Referências

CABRAL, Otavio. *O Riso Subversivo*. Maceió: EDUFAL, 2007.

CASCUDO, Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3º ed. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1984.

DIÉGUES JUNIOR. *Fandangos*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro. 1 de janeiro de 1950. Disponível em link: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Tematico&pagfis=25289&pesq=&url=http://docvirt.no-ip.com/docreader.net>>. Acesso em: 21 de julho de 2013.

MACENA FILHA. *Stagnation y dificultades del fandango del Mucuripe – enseñanza possible*. Comunicação oral no X Congresso Argentino de Antropologia Social –. Facultad



de Filosofia e Artes – UBA, 2011. Disponível em: <<http://www.xcaas.org.ar/>>. Acesso em 27 de julho de 2013.

MACENA FILHA. Projeto *Miraira – prática cultural para a diversidade numa estratégia de educação não formal*. Anais do 7 Encontro Cearense de Historiadores da Educação: vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais. Barbalha: Edições UFC, 2008.

MURAD, Pedro. *Riso e Aniquilação: a comicidade em Bergson e Pirandello*. Rio de Janeiro. Comum – Vol.13. 2007.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. *Barca*. Governo da Paraíba. João Pessoa, 2004.

RABETTI, Beti. *Memória e culturas do popular no teatro: o típico e as técnicas*. In: O Percevejo – Revista de Teatro, crítica e estética do Programa de Pós-graduação em Teatro da UNIRIO. Ano 8. n.8. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000. 3 – 18.

XIMENES, Fernando Lira (org). *Jogos para cenas cômicas*. Organização: Fernando Lira. Colaboração: Augusto Reis, Beatriz Aderaldo, Diego Brito, Georgia Dielle, João Machado e Sarah Jorge. Fortaleza: Grupo CRISE, 2013.

---

#### Notas

<sup>1</sup> Grupo de estudos em cultura folclórica – Laboratório de práticas culturais tradicionais. Para saber mais: <http://digitalmundomiraira.com.br/>

<sup>2</sup> IFCE – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará. Para saber mais: <http://www.ifce.edu.br/>

<sup>3</sup> Mestra da Cultura da cidade de Paracuru, litoral do Ceará, que mantém a brincadeira do Pastoril e que conviveu com o Fandango que era feito por seu pai.